Uma verdade inconveniente para a Europa

Una incómoda verdad para Europa

An inconvenient truth for Europe

Ana Helena Gigliotti de Luna Freire

Resumo. Freire comenta que a Conferência de Segurança de Munique de 2026, guiada pelo relatório "Em Demolição", retrata o colapso da ordem internacional pós-1945 liderada pelos EUA, o enfraquecimento do multilateralismo, a crise de confiança nas democracias do G7 e a erosão da relação transatlântica. Embora os EUA prometam revitalizar laços com a Europa e reafirmem a importância da Otan, condicionam a aliança a seus próprios interesses. A guerra na Ucrânia entra em seu quinto ano sem solução. Paralelamente, o ataque dos EUA e Israel ao Irã elevou as tensões, levando a França a anunciar uma expansão de seu arsenal nuclear. À medida em que os gastos militares crescem, investimentos sociais diminuem. Na esfera econômica, a Comissão Europeia anunciou a implementação provisória do acordo UE-Mercosul. Na Ucrânia, ataques a serviços de saúde se intensificam, enquanto a OMS alerta para a deterioração humanitária. Apesar do cenário sombrio, a Dinamarca foi certificada por eliminar a transmissão vertical de HIV e sífilis, sinalizando avanços pontuais em meio à instabilidade global.

Resumen. *La Conferencia de Seguridad de Múnich de 2026, guiada por el informe "En Demolición", retrata el colapso del orden internacional posterior a 1945 liderado por Estados Unidos, el debilitamiento del multilateralismo, la crisis de confianza en las democracias del G7 y la erosión de la relación transatlántica. Aunque Estados Unidos promete revitalizar los lazos con Europa y reafirma la importancia de la OTAN, condiciona la alianza a sus propios intereses. La guerra en Ucrania entra en su quinto año sin solución. Paralelamente, el ataque de Estados Unidos e Israel contra Irán elevó las tensiones, lo que llevó a Francia a anunciar una expansión de su arsenal nuclear. A medida que aumentan los gastos militares, disminuyen las inversiones sociales. En el ámbito económico, la Comisión Europea anunció la implementación provisional del acuerdo UE-Mercosur. En Ucrania, los ataques a los servicios de salud se intensifican, mientras la OMS advierte sobre el deterioro humanitario. A pesar del panorama sombrío, Dinamarca fue certificada por eliminar la transmisión vertical del VIH y la sífilis, señalando avances puntuales en medio de la inestabilidad global.*

Abstract: *The 2026 Munich Security Conference, guided by the report "In Demolition," portrays the collapse of the post-1945 U.S.-led international order, the weakening of multilateralism, the crisis of confidence in G7 democracies, and the erosion of the transatlantic relationship. Although the United States has pledged to revitalize ties with Europe and reaffirmed the importance of NATO, it has made the alliance conditional upon its own interests. The war in Ukraine has entered its fifth year without a solution. At the same time, the U.S. and Israeli attack on Iran has heightened tensions, prompting France to announce an expansion of its nuclear arsenal. As military spending rises, social investments decline. In the economic sphere, the European Commission announced the provisional implementation of the EU-Mercosur agreement. In Ukraine, attacks on health services are intensifying, while the WHO warns of worsening humanitarian conditions. Despite the grim scenario, Denmark has been certified for eliminating vertical transmission of HIV and syphilis, signaling isolated progress amid global instability.*

A nova ordem internacional caducou e já pode ser chamada de velha ordem internacional. Ao menos é este o retrato que emerge da Conferência de Segurança de Munique de 2026 (MSC 2026). O quadro já veio pintado do Relatório de Segurança de Munique de 2026, que norteia o encontro. Intitulado "Em Demolição", o documento sustenta que "o velho ordenamento internacional baseado em regras, instituições multilaterais e cooperação entre democracias simplesmente deixou de existir", revelando uma crescente crise de confiança na governança democrática nos países do G7. 80 anos após o início de sua construção, a ordem internacional pós-1945 liderada pelos EUA parece estar em processo de destruição. Nesta edição de 2026 da MSC, os EUA baixaram um pouco o tom para com os europeus em relação à 2025, quando JD Vance, vice-presidente, escancarou as diferenças políticas entre os dois lados do Atlântico. Desta vez Marco Rubio, secretário de Estado, prometeu "revitalizar uma velha amizade" com a Europa, reafirmando a importância da Otan e apelando a uma retórica de salvamento de uma "civilização ocidental" comum, pontuando, porém, que a aliança só sobreviverá se ajustada aos interesses estadunidenses.

A guerra na Ucrânia, que entra em seu quinto ano, esteve em pauta na MSC. Em reunião paralela que não contou com a presença de Rubio, líderes europeus tentaram manter os Estados Unidos envolvidos nos esforços para alcançar um acordo de paz justo. Logo após a Conferência e um telefonema com o presidente russo, Donald Trump disse que ele e Putin se reuniriam em breve para negociar um acordo de paz sobre a Ucrânia. Trump garantiu que a Ucrânia estaria na mesa de negociações, o que não se aplicaria à Europa. A reunião aconteceu em Genebra sem avanços significativos e com a promessa de realização de um novo encontro em breve. Os territórios ucranianos ocupados pela Rússia continuam a ser o maior obstáculo nas negociações. A Ucrânia já admite o congelamento das posições atuais como base para um cessar-fogo, no entanto a Rússia exige que as forças ucranianas se retirem da região do Donbass como condição prévia para qualquer acordo. Outro ponto é a Central Nuclear de Zaporíjia, ocupada pela Rússia. Maior usina nuclear da Europa, produzia cerca de 20% da eletricidade da Ucrânia. Os EUA sugerem que ela seja operada conjuntamente pelas 3 partes (!): EUA, Ucrânia e Rússia, com benefícios econômicos compartilhados, mas a Ucrânia considera esta hipótese como legitimação da ocupação russa. Representantes do Reino Unido, França, Alemanha e Itália estiveram presentes em Genebra e mantiveram conversações com os ucranianos à margem da reunião trilateral de dois dias.

O cenário de tensão internacional se agrava com o recente ataque dos EUA e Israel sobre o Irã. Como resposta imediata, a França anuncia expansão de seu arsenal nuclear. De acordo com o presidente francês, Emmanuel Macron, o país aumentará a produção de armas nucleares para proteger seus interesses vitais – ou seja, a própria sobrevivência da França enquanto Estado – e a proteção da Europa. Macron afirmou que a França não mais reportará o número de ogivas em seu arsenal, algo anteriormente feito no âmbito de acordos de controle nuclear. Atualmente, o país possui cerca de 290 ogivas, distribuídas principalmente em submarinos lançadores de mísseis e em mísseis de lançamento aéreo. Países Baixos, Bélgica, Grécia, Suécia e Dinamarca, deverão aderir ao esquema, acolhendo as "forças aéreas estratégicas" francesas. A estratégia é se espalhar pelo continente para dificultar o cálculo dos adversários. A nova guerra já respingou na Europa: segundo o presidente do Chipre, Nikos Christodoulides, um drone iraniano caiu em uma base que o Reino Unido mantém na ilha do Mediterrâneo. Em comunicado, França, Reino Unido e Alemanha anunciam que podem tomar medidas defensivas para proteger seus interesses e os de seus aliados da região e ameaçam afirmando que as medidas seriam

suficientes para "destruir a capacidade do Irã de lançar mísseis e drones". O ministro das Relações Exteriores francês, Jean-Noël Barrot, declarou que a França está disposta a participar do conflito em defesa de seus aliados na região.

As perspectivas de futuro são desanimadoras. Não só pelo crescimento da insegurança em escala internacional, como também pela consequente redução no investimento em políticas sociais, como saúde, educação e habitação, em detrimento do aumento dos gastos militares. Como se não bastasse a retirada dos EUA da OMS e de seu financiamento de importantes programas globais de saúde, a União Europeia também passa a diminuir seus investimentos em áreas sociais. De acordo com a Health Policy Watch, a Comissão Europeia pretende reduzir significativamente as suas contribuições para o Fundo Global de Combate à Aids, à Tuberculose e à Malária, pondo fim a uma tendência de décadas de aumento das contribuições para a organização multilateral de saúde. De acordo com uma pesquisa realizada pela ONG, a Comissão planeja comprometer-se com 700 milhões de euros ao longo de quatro anos, de 2026 a 2029. Como o montante total representa uma quantia menor distribuída por um período mais longo em comparação com os compromissos anteriores, isto significaria uma redução de cerca de 60 milhões de euros por ano – um corte de 26,5%.

Na Ucrânia, com a guerra entrando em seu quinto ano, a destruição sistemática da infraestrutura de saúde se intensifica, com ataques a hospitais, ambulâncias e profissionais da saúde aumentando em quase 20% em 2025 em comparação com o ano anterior, segundo um comunicado da OMS Europa. Desde o início da guerra em grande escala, em 24 de fevereiro de 2022, a OMS documentou pelo menos 2.881 ataques a serviços de saúde na Ucrânia, afetando profissionais de saúde, instalações, ambulâncias e depósitos de medicamentos. Os serviços de saúde estão sob intensa pressão em duas frentes: ataques diretos a serviços de saúde e os efeitos em cascata dos ataques à infraestrutura civil, incluindo usinas termelétricas que sustentam a rede elétrica do país. Isso deixou profundas lacunas na saúde da população. Para agravar a crise, os bombardeios que atingiram depósitos de suprimentos médicos triplicaram, paralisando as cadeias de suprimentos essenciais para manter as instalações restantes em funcionamento. Os ataques à infraestrutura civil, combinados com as repetidas falhas na rede elétrica nacional durante as temperaturas abaixo de zero do inverno, têm interrompido cada vez mais a prestação de serviços essenciais de saúde.

“Após quatro anos de guerra, as necessidades de saúde estão aumentando, mas muitas pessoas não conseguem obter o atendimento de que precisam, em parte porque hospitais e clínicas são atacados rotineiramente”, disse o Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, Diretor-Geral da OMS. “A OMS está trabalhando em conjunto com os dedicados profissionais de saúde da Ucrânia para garantir que os hospitais estejam abastecidos com os meios necessários para se manterem aquecidos e com os medicamentos essenciais para a população. Afinal, o melhor remédio é a paz.” Em 2025, o apoio da OMS alcançou 1,9 milhão de pessoas em toda a Ucrânia por meio da prestação de serviços, fornecimento de materiais médicos, encaminhamentos e capacitação, com foco especial em áreas de difícil acesso e na linha de frente.

Em um ano marcado pela esperança de negociações de paz, a realidade no terreno contou uma história diferente. Os ataques a serviços de saúde se intensificaram, atingindo o pico no terceiro trimestre de 2025, quando 184 ataques causaram a morte de 12 pessoas e feriram 110 profissionais de saúde e pacientes. Ao mesmo tempo, os ataques a depósitos de materiais médicos triplicaram em 2025 em comparação com o ano anterior, interrompendo a logística e as cadeias de suprimentos essenciais para a prestação de cuidados em todo o país.

Nos últimos quatro anos, 233 profissionais de saúde e pacientes foram mortos e 930 ficaram feridos em ataques a instalações de saúde.

A boa notícia vem da Dinamarca, que se tornou o primeiro país da União Europeia a eliminar a transmissão vertical do VIH e da sífilis. O país foi certificado pela OMS, reconhecendo seu contínuo compromisso contínuo em garantir que todas as crianças nasçam livres dessas infecções. "A eliminação significa testar e tratar pelo menos 95 em cada 100 mulheres grávidas – e manter as novas infecções infantis abaixo de 50 por 100.000 nascimentos, ano após ano. A Dinamarca atingiu esses objetivos por meio de um sólido atendimento pré-natal, sistemas de dados confiáveis e respeito pelos direitos das mulheres. Apoiaremos a Dinamarca em seus esforços para alcançar a tripla eliminação completa, quando a hepatite B for incluída", afirmou o Dr. Hans Kluge, Diretor Regional da OMS para a Europa.

Sob a presidência rotativa do Chipre, aconteceu em fevereiro uma reunião informal de ministros de saúde da UE, na qual se propôs a criação de um Centro Europeu de Excelência Clínica para Produtos Farmacêuticos, pensado para reforçar a confiança nas avaliações clínicas, apoiar a tomada de decisões consistentes e de alta qualidade e fortalecer o papel da UE na política farmacêutica global, ao mesmo tempo que estabelece as bases para um sistema de saúde europeu mais coeso e centrado no paciente. A presidência cipriota destacou a importância da saúde mental, em particular no que diz respeito aos jovens, e apelou a uma maior coordenação no que respeita à interoperabilidade dos dados de saúde no âmbito do Espaço Europeu de Dados de Saúde. Neste contexto, a Presidência cipriota recordou a conferência de alto nível sobre Saúde Mental e Inclusão, realizada em janeiro de 2026, quando foram analisadas formas de apoiar os Estados-Membros, através da ação europeia, no desenvolvimento de serviços de saúde mental comunitários, preventivos e inclusivos, com particular ênfase na intervenção precoce e no reforço da resiliência juvenil. Os ministros também debateram a implementação do Regulamento sobre o Espaço Europeu dos Dados de Saúde, reconhecido como pedra angular da União Europeia da Saúde. Os debates destacaram a importância da interoperabilidade e da utilização em larga escala de dados de saúde para promover a inovação, a inteligência artificial e a formulação de políticas baseadas em evidências, sublinhando, ao mesmo tempo, a necessidade de uma coordenação mais estreita entre os Estados-Membros em matéria de governança, recursos e alinhamento jurídico e técnico. Ao concluir a reunião, o ministro cipriota da saúde, Neophytos Charalambides, sublinhou que a autonomia no setor da saúde está no centro das prioridades da presidência do Chipre, traduzindo-se em igualdade de acesso para todos os cidadãos a medicamentos, dispositivos médicos e serviços de saúde de alta qualidade, como pré-requisito para a construção de uma União Europeia da Saúde resiliente.

Os ministros do Emprego e dos Assuntos Sociais também se reuniram informalmlente sob a presidência cipriota. O foco principal foi enfrentar as grandes mudanças nos mercados de trabalho causadas por tecnologia digital, inteligência artificial, transição ecológica, mudanças demográficas e instabilidade geopolítica, assegurando que essas transformações não aumentem desigualdades. Os ministros destacaram que a justiça social — com emprego digno, oportunidades iguais, condições de trabalho decentes e igualdade de salários — deve ser o centro das políticas de emprego europeias. Os participantes concordaram que ações coordenadas a nível nacional e europeu são essenciais para promover um futuro do trabalho que seja simultaneamente justo, competitivo e inclusivo para todos.

Na esfera econômica, o Acordo UE-Mercosul, mesmo suspenso, entrará em vigor. Foi o que disse a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, quando anunciou que a

União Europeia implementará provisoriamente a sessão comercial do Acordo com os países do Mercosul, após a Argentina e o Uruguai concluírem seus processos de ratificação. Como era de se esperar, a França protestou e reagiu afirmando que a Comissão Europeia não teria tal poder.

Considerações Finais

A postura da Europa frente ao novo cenário internacional demorou a mudar: teve seus gasodutos sabotados, o apoio estadunidense à Ucrânia comprometido, e sofreu com a imposição unilateral de tarifas, mas “a ficha só caiu” quando Trump ameaçou tomar a Groenlândia. A “autonomia estratégica” europeia já estava em pauta e em marcha, mas não na velocidade que 2026 revelaria necessária. Já havia a percepção da importância de reduzir e diversificar as dependências externas em decorrência da pandemia de Covid, mas a urgência ainda não estava colocada... O chanceler alemão Friederich Merz já entendeu o que chamou de "verdade inconveniente": a relação transatlântica entre os EUA e a Europa, que sustentou a segurança ocidental durante décadas, está agora em dúvida. "Abriu-se um fosso entre a Europa e os Estados Unidos", disse Merz. "O vice-presidente J.D. Vance disse-o abertamente na Conferência de Segurança de Munique, há um ano, e tinha razão".

Em seu segundo mandato nos EUA, Donald Trump surpreendeu o mundo retirando a principal economia do mundo e seu financiamento de importantes organismos e programas internacionais. Se havia alguma expectativa de que a Europa ocupasse esse vácuo, foi enganosa. O que estamos vendo é uma Europa acuada e mais preocupada com sua própria sobrevivência. A nova guerra que se coloca no mundo, entre EUA e Israel de um lado e o Irã de outro, tem grande potencial de regionalização, como estamos vendo, e coloca a Europa em uma posição ainda mais vulnerável. A resposta da França de aumentar seu arsenal nuclear é o atesto. É impossível não registrar a diferença de tratamento no sistema internacional: enquanto o Irã é atacado por enriquecer urânio para se chegar à uma bomba atômica, a França não se encabula de aumentar suas ogivas e distribuí-las secretamente pelo continente para dificultar os inimigos.

Quem achou que a UE preencheria o vácuo deixado pelos EUA no cenário internacional se enganou redondamente.